



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

## MUSEU DA MEMÓRIA NEGRA DE PETRÓPOLIS: (RE)LEITURAS ARQUITETÔNICA, URBANÍSTICA, HISTÓRICA E MUSEAL COMO MECANISMO DE AUTOAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA CIDADE DE PETRÓPOLIS.

FILIPE GRACIANO NEVES<sup>1</sup>

**Resumo:** Propõe-se uma investigação acerca da construção da identidade negra atravessada pelo racismo na cidade de Petrópolis, apontando a construção de uma narrativa de cidade que forja uma identidade imperial do colono alemão em detrimento de tantas outras, mais precisamente uma contribuição direta da população negra. Faz-se uma denúncia do apagamento de presenças negras, e com ela o anúncio da realização existencial do MUSEU DA MEMÓRIA NEGRA DE PETRÓPOLIS, um dispositivo possível de trabalho da memória e consolidação da identidade negra na cidade, apresentando caminhos estratégicos para sua realização existencial, perpassando o debate de cidade, território, história, memória e patrimônio. Um Museu de deslocamento epistemológica não só do que foi vivido no passado, mas da maneira como aprendemos a reverberar no presente e projetar futuros. Este é o Museu da Memória Negra de Petrópolis.

**Palavras-chave:** Memória, Museu, Petrópolis, Presença, Negra.



Figura 1 - Logo do Museu da Memória Negra de Petrópolis. Autoria: Filipe Graciano. 2018.  
Fonte: Acervo do Museu da Memória Negra de Petrópolis.

### INTRODUÇÃO

Elaborado a partir do debate direto de três abordagens que convergem na realização existencial do Museu da Memória Negra de Petrópolis. A primeira se baseia na construção de referenciais que fundamentam a inviabilização negra em processos constitutivos de memórias. Apontando antecedentes históricos que evidenciam de forma

---

<sup>1</sup> Homem negro, graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI-UERJ), lugar que fizeram florescer prospecções futuras de uma autonomia profissional, uma vez que me vejo fazendo parte de uma produção arquitetônica e urbanística que reflita a vida, uma produção não hegemônica. Idealizador do projeto Museu da Memória Negra de Petrópolis.  
E-mail: filipe.graciano.neves@gamil.com



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

tangível existências negras que foram apagadas, de modo a restabelecer também e não exclusivamente o lugar de direito da pessoa negra no território, constituindo a partir de um fator filosófico, que exige reparação histórica das narrativas. Aqui, as contranarrativas.

O segundo momento desdobra-se na fase de realização e sensibilização, narrando para o outro que não seja da academia e para si mesmo os feitos deste conhecimento, a partir de uma construção museal. Ela, associada a uma narrativa pessoal que é emocional e verídica, vai construindo um panorama de que (re)existe toda uma população afro-brasileira apagada das narrativas festivas, jurídicas, legislativas e, simbólicas ou não, do espaço de disputas da cidade.

A terceira vertente é um posicionamento indireto, para as gerações futuras e para os colegas contemporâneos da compreensão e do compromisso com as contranarrativas negras, o restabelecimento de presenças negras na busca conceitual do projeto.

Este trabalho rompe com o silêncio do racismo velado, da tradição que se praticou de não tocar no assunto para não virar o cárcere de onde nossa desigualdade se constitui, a de “não crie o racismo”. Prática que moldou o fato de que vivemos uma história parcialmente ficcional narrada aos moldes, e para atender aos interesses de grupos sociais hegemônicos. Narrativas distorcidas, alienada ou propositais, que vigoram nos espaços da cidade, nos espaços museais e nos livros de história desde então.

O que se propõe com é evidenciar a existência de um território negro, suas práticas e praticantes, dando visibilidade as narrativas pretas e outras formas de (re)existir. Propõe-se um museu de valorização identitária, de transformação e de engajamento, que cumpra a sua função social, buscando outro pensar de museu de Memória. Um instrumento de arquitetura viva e dinâmica acordada para a realidade.

## **INVISIBILIZAÇÃO NEGRA**



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

O problema surge a partir da indagação da realidade cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, que se coloca no tempo imperial<sup>2</sup>, narrativa histórica construída nos moldes de colonos europeus<sup>3</sup>, colocando a contribuição de africanos e afro-diaspóricos em um longo processo de exclusão, afetando a vida de pessoas negras no processo de constituição de suas identidades que se dá no espaço da cidade. Narrativas impostas que impactam o relacionamento do negro com o espaço construído. A passagem e contribuição de africanos e afro-diaspórica para a cidade de Petrópolis conta em:

[...]alguns documentos que tinham como fio comum a presença negra em um território onde se pretendia ser branco e se orgulhava de um capital simbólico europeu e imperial. Os registros apontam tendências racistas que se cristalizaram como visões da realidade e segmentaram toda a cultura ancestral, naturalizando o não questionamento de algumas contradições sobre a formação da população petropolitana. O fato é que os problemas pelos quais as populações negras passam foram fundados em um passado forjado. (AQUINO, 2018, p.38).

Há em Petrópolis a construção de uma identidade muito estruturada a imigração europeia. A intenção não é fazer um discurso punitivista dos “colonos”, nem se faz aqui um juízo de valor da contribuição do imigratório europeu na constituição da cidade, mas sim, questiona-se o lugar no tempo-espaço da contribuição negra, que somado ao racismo que se instalou no período de pós abolição e que se perdura até hoje, faz com que a população negra seja alijada da memória da cidade, em prol de uma memória que é branca e europeia. Processo histórico que desencadeou inúmeras mazelas na experiência de construção da identidade de pessoas negras, como diz Fanon:

[...] no mundo branco, o homem de cor depara com dificuldades na elaboração do seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é uma atividade unicamente negadora. É um conhecimento na terceira pessoa. [...] Ele [o meu corpo] não se impõe a mim, é antes uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, porque se instala entre o meu corpo e o mundo uma efetiva dialética. (Fanon, 1975, pg. 122–123).

Fanon aponta como um corpo negro se comporta na falta de representações positivas, esse corpo distorcido, resultado das mutilações da relação com o mundo externo racista. Dificuldade essa que está atrelada ao preconceito, que o imobiliza, paralisando sua personalidade, impedindo sua existência de forma plena. Pessoas negras ao falarem sobre experiências cotidianas do racismo, indicam o “doloroso impacto corporal e a perda

---

<sup>2</sup> DECRETO Nº 85.849, DE 27 DE MARÇO DE 1981. Atribui à cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, o título de Cidade Imperial.

<sup>3</sup> A colonização pelos alemães e outros imigrantes europeus:  
<https://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/petropolis/historia>



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

característica de um colapso traumático, pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter” (KILOMBA, 2019, p.39).

Fanon<sup>4</sup> aborda identidade entendendo que ela não é algo que antecede a existência, a identidade é sempre relacional, sempre negociada nos discursos cotidianos, nos conflitos e em relação a determinados grupos, onde o outro se identifica a partir da alteridade, se identifica para diferenciar-se de algo ou para se aproximar de algo, ele compreende a identidade a partir de um caráter relacional. Grada Kilomba<sup>5</sup> diz que a separação e interdição do corpo negro de sua identidade “é definida como um trauma clássico, uma vez que priva o indivíduo de sua própria conexão com a sociedade inconscientemente pensada como branca” (KILOMBA, 2019, p.39).

Há uma discussão no campo do patrimônio do que e como se valoram os bens, sejam eles materiais ou imateriais, questionando-se como são eleitos enquanto relevantes ou não relevantes. Pode-se dizer que os patrimônios, metaforicamente, são como espelhos utilizados pela sociedade para refletir o contexto em que são estabelecidos.

Nesse sentido, Santos manifesta-se:

Os espelhos da sociedade não são físicos, de vidro. São conjuntos de instituições, normatividades, ideologias que estabelecem correspondências e hierarquias entre campos infinitamente vastos de práticas sociais. (...) Quanto maior é o uso de um dado espelho e quanto mais importante é esse uso, maior é a probabilidade de que ele adquira vida própria. Quando isto acontece, em vez de a sociedade se ver refletida no espelho, é o espelho que pretende que a sociedade o reflita. De objeto do olhar, passa a ser, ele o próprio, olhar. Um olhar imperial e imperscrutável, porque se por um lado, a sociedade deixa de se reconhecer nele, por outro não entende sequer o que o espelho pretende

---

<sup>4</sup> Fanon foi um psiquiatra e filósofo político natural das Antilhas Francesas da colônia francesa da Martinica. As suas obras tornaram-se influentes nos campos dos estudos pós-coloniais, da teoria crítica e do marxismo. Faz parte do grupo de intelectuais negros. Anticolonialista radical, de escrita altamente literária e retórica, contribuiu para aclarar não só a história, mas também reflexões e debates contemporâneos.

<sup>5</sup> Grada Kilomba é uma escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo e está traduzido em várias línguas, publicado e encenado internacionalmente.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

reconhecer nela. É como se o espelho passasse de objeto trivial a enigmático super-objeto, de espelho passasse a estátua. Perante à estátua, a sociedade pode, quando muito, imaginar-se como foi ou, pelo contrário, como nunca foi. (SANTOS 2001, p.47 - 48)

Direcionando o olhar para o patrimônio petropolitano, pode-se dizer que os espelhos viram estátuas que não refletem a todos que vivem nesse lugar, principalmente os que vivem na periferia, sendo majoritariamente negros e negras. Estátuas, monumentos, homenagens, casarões, memórias que se preservam em consonância com uma narrativa colonial e imperial impostas. Esta metáfora é uma forma de evidenciar como a cidade lida com o que foi eleito enquanto memória e história a ser preservada, mas também pensar como se forja uma história para si mesma.

A percepção do passado muda conforme as ideologias do presente, então é “natural” pensar que o próprio entendimento das funções e dos usos do patrimônio vão ser diferentes ao longo do tempo, tendo até mesmo a possibilidade do patrimônio se reinventar, mudando sua funcionalidade e apresentando outras imagens para a sociedade. Ficando o questionamento de qual futuro está por vir, que reflexo os espelhos sociais o patrimônio irá representar? No caso em estudo, até mesmo apagados, pois não se quer que se crie essa identidade que agora não é somente individual, é coletiva. Uma decisão política. Assim, o patrimônio é fundamental na transmissão das memórias coletivas, porque é através dele que se concretiza o que se considera fundamental para a transmissão da história: a estabilização do tempo passado e, conseqüentemente, a aquisição da perenidade. (Souza, 2007, p. 18)

Quantos espaços que são caros para existência negra nas cidades e que foram e são apagados, renomeados, destituídos, aniquilados, não sendo nem sequer considerados espaços existentes. Apresentando uma história de cidade contada de forma extremamente perversa, parcial, lacunar, que repete frequentemente histórias que são forjadas. Problematizando esta ideia, Michael Pollak<sup>6</sup> (1992, apud SILVA, 2018) aponta

---

<sup>6</sup> Michael Pollak, radicado na França, formou-se em sociologia e trabalhou como pesquisador. Historiador, dedicou-se a reflexão da interpretação da memória individual enquanto elemento de ação do sujeito na construção da memória compartilhada.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

para a importância da conexão entre o passado e o presente através da memória, e sua relevância na construção de um sentimento de continuidade para a formação da identidade individual ou coletiva, e a criação de representações imagéticas destes indivíduos para si e para os outros.

Uma grande questão para pensar essas relações de direito à cidade, antirracismo, descolonização da memória e do patrimônio, é como conseguir fazer com que esses diferentes conceitos e a dimensão do urbano, se articulem para salvaguarda de fato a partir de uma ideia de reparação, as presenças e valorações do território negro, a partir de renomeações, identificações de memórias e da história da cidade. Pensar na memória e no patrimônio da cidade, enquanto memória pública, é um diálogo que não pode se dar sem levar a sério essas relações de destruição e de autorização de determinadas presenças, homenagem e monumentos, mas também como reparação e restituição daquilo que foi usurpado historicamente.

No confronto de uma historicidade imposta com o tema surgem os seguintes questionamentos a serem feitos na construção da pesquisa: Onde estão as histórias e memórias negras da cidade de Petrópolis? Quais são e onde estão as representações negras existentes na cidade? Observando as dinâmicas sociais da cidade, como a identidade negra tem sido constituída e em que tem sido pautada? Uma vez identificado o apagamento de uma contribuição histórica, como se deu esse processo de dominação e o que o possibilitou?

A dimensão colocada como problema efetiva-se como tal por antes ser um problema na vida prática da população negra na cidade, aqui o racismo, gerando um sentimento de indignação, ligada ao sentimento de justiça, um problema relacionado a um grupo social, ameaçando sua coletividade. Tendo como consequência a interdição da identidade e auto estima negra, que hoje está em processo de reconstrução. Nessa perspectiva, propõe-se o Museu da Memória Negra de Petrópolis, surgindo como um grito de reivindicação de uma história, memória e território.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Algumas cidades nascem negras, assim Renata Aquino<sup>10</sup> inicia sua tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará como pré-requisito para obtenção do título de Doutorado em Educação, pontuando que no caso da origem da cidade de Petrópolis não foi diferente, embora a história colocada como oficial insista em narrar o contrário.

Neste trabalho, a autora estuda o espaço geográfico da cidade de Petrópolis, seu povoamento e o desenvolvimento da região feito por africanos e afrodescendentes, análise feita a partir dos parâmetros de afroinscrições, termo elaborado por ela para nominalizar “as marcas de contribuições de africanos e afrodescendentes de ordem intelectual, técnica, científica, religiosa (...) de modos de produção em contextos embranquecidos.” (AQUINO, 2018, p.33). De modo mais geral as afroinscrições é um conceito que reúne as marcas da contribuição negra, como dados que contestação da negação e distorção da presença negra.

Aquino confronta duas ideologias apresentadas como o que colocado como história da cidade de Petrópolis, a primeira em ser colocada como uma cidade resultante da imigração alemã de 1843 e a segunda em se ruma cidade imperial. A autora argumenta contra tais fatos a partir da investigação e da reafirmação de existências negras em fontes que vão ao encontro das afroinscrições, encontradas no patrimônio material e imaterial na história e na cultura da região.

A história é narrada como se tivesse ocorrido do centro para a periferia, mas os fatos mostram o contrário. O processo de ocupação da Serra dos Órgãos se deu pelos fundos da Baía de Guanabara<sup>11</sup>, no século XVI, com o enfretamento aos índios tamoios e timbiras que já ocupavam estes territórios. A partir da apropriação de sua intelectualidade ancestral e feitos, pontua-se aqui o caminho de acesso a Minas Gerais. (Intro)missões serra a cima, foram surgindo assentamentos e pousos ao longo dos caminhos, estradas e rios, constituindo parte da ocupação deste território.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Toda esta região de cima era subordinada à administração da Vila de Inhomirim, vila explorada desde 1677(data de fundação), que era dividida em fazendas que geravam riquezas para a Coroa. Em 1686, foram concedidas as primeiras terras pelas sesmarias para políticos e seguranças da Colônia, sendo concedida a Bernardo Soares de Proença e Luiz Peixoto da Silva as terras que viriam a se torna Petrópolis, que se estendiam do que é o atual bairro do Alto da Serra até o Itamarati. As sesmarias eram doadas ao longo do Caminho Novo para incentivar a povoação da região. Com o passar do tempo, essas sesmarias foram se dividindo em fazendas. Assim, a sesmaria do Itamarati, por exemplo, deu origem a duas importantes fazendas, sendo elas a Fazenda do Itamarati e a Fazenda do Córrego Seco.

A sesmaria do Rio Morto deu origem à Fazenda do Padre Correia, que consta em registros<sup>12</sup> de arquivos a presença de mais de 400 escravos de ambos os sexos e todas as idades, escravizados que trabalhavam em plantações de frutas e fabricação artesanal de ferraduras.

Em 1720, foi consolidado a partir do caminho criado pelos índios, um caminho que passava pelas terras, localizadas na Serra da Estrela, para ser utilizado para quem viaja do Rio de Janeiro até Minas Gerais. Um caminho fundamental para o desenvolvimento da região serrana. Aos que receberam as concessões das sesmarias, a de se assumir que deveriam possuir um bom número de escravos para lidar com a terra e povoar o território. “Consta em arquivos da Igreja Católica que em 1736, o número da população negra era superior ao da população branca nesta região.” (ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS, MUSEU IMPERIAL, 2018, p.39).

Com a compra da fazenda do Córrego em 1830 por D. Pedro I, inicia-se anos mais tarde o plano de povoamento desta região, elaborado pelo mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa da Silva, que além da construção do palácio imperial, da igreja e outras construções, previa a concessão de terras da agora Fazenda Imperial a pessoas criteriosamente selecionadas.





SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Desse plano surge a fundação de Petrópolis, sendo ela, nada mais do que a divisão da Vila para a criação de uma cidade, por meio do Decreto Imperial, nº 155, de 1843. Aqui se evidencia um período datado de 1677 a 1843, 166 anos de ocupação desta região que se desenvolveu através das técnicas e intelectualidade africana. Presenças de uma ancestralidade e de princípios que fizeram dessa região o que ela é hoje.

Pelos registros de nascimento, casamentos, batismos e falecimentos de negros escravizados nas várias fazendas da região neste período, confirmam-se as presenças dos africanos e seus descendentes na participação social, urbana e econômica destas terras. Presenças comprovadas por registros que confirmam a dimensão intelectual desses indivíduos a quem foram impostas a condição de escravizados.

A primeira aparição dos colonos europeus<sup>13</sup>, é datada entre 1837 e 1840, quando Koeler participava da melhoria do Caminho Novo entre o Porto da Estrela e a Vila de Paraíba do Sul, passando pelo Córrego Seco. Nesta obra foram contratadas cerca de 147 famílias de imigrantes germânicas. Assim como os germânicos, os escravizados africanos trabalharam na abertura, conservação e melhoria do Caminho Novo, mas pouco ou praticamente nada se fala a respeito.

Com a fundação de Petrópolis, africanos e libertos trabalharam na Estrada Normal da Serra da Estrela ao lado de imigrantes franceses, portugueses e germânicos. Também trabalharam nas obras de construção do Palácio Imperial e em outras obras públicas da povoação. Eram cavouqueiros que aprontavam pedras para o alicerce de ranchos e do palácio, pedreiros que cuidavam de construir os alicerces do palácio, carpinteiros que se ocupavam de fazer ranchos, portas e outras necessidades das obras, pedreiros, carroceiros e falquejadores que tratavam de cortar as madeiras para os ranchos. (...) a mão de obra escrava era ainda utilizada nos serviços domésticos, e, algumas pequenas indústrias, em alguns serviços em hospitais ou casas de saúde, além do trabalho em roças. (ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS, MUSEU IMPERIAL, 2018, p.41)

Esta produção do Almanaque do Museu Imperial trata-se de uma divulgação científica. Sendo assim, não se discute historiografia e sim a divulgação científica produzida pelo



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Museu Imperial. Logo, a história espalha-se de modo que somente privilegia uma forma de existir, desconsiderando as mútuas influências no tempo e espaço. Nenhuma delas demonstra a mão de obra africana escravizada como um processo complexo. É preciso revermos a contribuição africana para a colonização não só de Petrópolis, mas de todo o Brasil. Precisamos romper com a vertente do racismo à brasileira que narra a contribuição negra restrita a lavouras, com foco no cárcere e no massacre.

A base do povoamento de Petrópolis veio das fazendas que exploravam o trabalho escravizado. Deste território ocupado por africanos e afrodescendentes, formou-se a cidade que, posteriormente, se instalaram alguns grupos de colonos europeus. Colônias que não tiveram contingente suficiente que desfizesse toda contribuição técnica, intelectual africana e afrodescendente escravizada, livre e liberta. “Dessa forma, em contextos em que a presença e a contribuição negra imaterial (...) tendem a ser destorcidas e negadas, como é o caso de Petrópolis.” (AQUINO, 2018, p.33).

Esta pesquisa busca reconstituir a contribuição africana e afrodescendente como forma de reparação social, trazendo outras possibilidades de narrativas negras, redefinindo nosso lugar na história e no espaço, forjada de tal modo a negligenciar e omitir a existência negra no que são as terras de Petrópolis. Uma vez reconhecida a presença negra na constituição de história desta cidade, busca-se reivindicar e subverter a memória de um espaço que se orgulha de sua “origem alemã”.

Petrópolis recebe o título de Cidade Imperial com o Decreto nº 85.849, de 27 de março de 1981, no contexto de incentivo ao turismo histórico, ponto estratégico para a consolidação da idealização de Cidade Imperial.

[...] com a extinção da Lei do Banimento, pelo Decreto nº 4.120, de 3 de setembro de 1920, houve um incremento no processo de reabilitação da memória do Império, principalmente, a partir da tomada do poder, em 1930. A “Revolução” pretendia romper com a Primeira República, criando outra narrativa, essa por sua vez, ia ao encontro da afirmação da nacionalidade brasileira, na criação de uma identidade nacional. (SILVA, 2020, p.16)

Neste trecho de sua pesquisa, Lucas Ventura evidencia que a partir deste contexto, iniciou-se um projeto cultural que tinha como objetivo construir uma identidade nacional.



**SALVADOR E SUAS CORES [2021]**  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Momento em que surge uma instituição que viria a se tornar peça significativa para a construção da memória em Petrópolis, o Museu Imperial. Um museu<sup>7</sup> dedicado a criar uma narrativa histórica do Império brasileiro, uma narrativa forjada conforme idealizada pela República, em especial pelo projeto de poder. Assim, a imagem de cidade imperial foi se consolidando junto ao museu, tal qual Vargas pretendia.

Tal manobra política de construção de um ideal imperial, atrelado a história dos colonos europeus que chegaram e venceram, fez com que a experiência negra, tenha sido ela livre ou escravizada, fosse alijada da memória da cidade, gerando um processo sistêmico de apagamento que não só nega tal existência, mas também distorce a passagem de negros sustentando a ideia de cidade livre de escravizados.

## **TERRITORIALIDADES NEGRAS E SUAS PRÁTICAS**

### CANTO DOS PALMARES

Eu canto aos Palmares

Sem inveja de Virgílio de Homero e de Camões porque o meu canto é o grito de uma raça em plena luta pela liberdade! (TRINDADE, 1961, p.29)

Quantos negros hoje podem erguer o canto que Solano Trindade<sup>16</sup> faz a palmares? Não foi apenas a liberdade, a vida, as raízes que foram subtraídas aos trazidos da África. Para Abdias do Nascimento<sup>15</sup> (1980), o ponto básico de início dessa discussão consiste no fato de “quem não tem passado não tem presente e nem poderá ter futuro”. Nos roubaram também o direito a história, que era até pouco tempo contada somente no cruzamento com a branco dominante, sendo essa história pautada a partir da ignorância do passado escravocrata e predileções racistas, uma sombra que até hoje persiste em confundir o presente. Na sombra desta ignorância está a subtração de territórios negros. Um mecanismo utilizado para omissão e apagamento de lugares de memórias, fazendo da população negra herdeira de problemas estruturais do entorno das áreas afastadas do centro, nos colocando a margem do desenvolvimento social, marginalizando nossas vidas e nossos territórios. O resgate desses lugares de memórias é uma das formas fundamentais para se subverter e reivindicar estes espaços e suas representações.

---

<sup>7</sup> A criação de um museu de imigração alemã no pós-nacionalização: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9457>



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Uma prática de subversão da história agora escrita por mãos negras, a partir da reinterpretação dos lugares, partindo do entendimento que estes espaços são resultados do acúmulo repetitivo da experiência humana, mais precisamente a experiência negra. Um ato de subversão da predileção de relatos da crueldade de nossa existência. Relatos estes que não são somente omissos, mas também negligenciam fatos importantes, de modo a performar nossas histórias e territórios, deixando de lado outras formas de existir e (re)existir.

A historiadora Beatriz Nascimento<sup>8</sup> nos alerta para a importância de pautar a história negra de modo a trazer outra perspectiva do que foi a real história, um caminho importante a se fazer é a leitura deles como um grupo livre, como empreendedores de uma sociedade livre, os quilombos, sendo eles a reconstrução de uma sociedade para que possam viver de acordo com seu passado histórico africano brasileiro, com seus hábitos, seus costumes, sua cultura, sua forma de ser.

A autora alerta também para a falta de produção escrita deixada por negros, tendo uma escrita branca tendenciosa que evidencia em sua maioria apenas aspectos negativos. Na busca por evidências, encontra-se somente documentações das autoridades de domínio do período em recorte, em sua totalidade documentos de repressão. Sendo necessário fazer uma crítica severa aos documentos daqueles que reprimiram, que evidenciam apenas o que é negativo, não tendo outra perspectiva de estabelecimento humano de mulheres e homens que se entendiam como seres humanos independentemente de estarem em condição de escravizados ou não.

Olhar para a história do negro a partir da perspectiva do quilombo como a real história do negro é possibilitar uma continuidade histórica, uma sociedade de negros, que não deixa de existir no momento que a repressão acaba. Pois na perspectiva quilombista somos apresentados como criatura e criador, trazendo para o conhecimento público a existência do negro na plenitude de sua existência.

---

<sup>8</sup> Beatriz Nascimento foi uma historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres brasileira.



**SALVADOR E SUAS CORES [2021]**  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. (NASCIMENTO, 1980, p.290) Devemos olhar para o quilombo e práticas quilombistas como legados de um patrimônio a serem preservados e vivenciados. Rememorar quilombos e práticas quilombistas<sup>9</sup> é uma forma de evidenciar e reivindicar territorialidades negras, revelando uma partícipe do negro brasileiro de reconstrução de um passado ao qual todos estamos ligados espacialmente.

Em Petrópolis há resquícios históricos de alguns quilombos que durante longos períodos se estabeleceram como territórios de resistência. Um deles é o Quilombo Vargem Grande<sup>10</sup>, datado por volta de 1820, nas proximidades da nascente do Rio da Cidade, com média de 200 moradores que se fizeram livres.



Figura 2 - Mapa com a localização aproximada dos Quilombos na cidade de Petrópolis, RJ. Autor: Filipe Graciano. 2021. Fonte: Museu da Memória Negra de Petrópolis.

<sup>9</sup> Conceito retirado do livro O Quilombismo do Abdias Nascimento. Consiste em práticas de liberdade afrocentradas, que visam a solidariedade, convivência, comunhão existencial.

<sup>10</sup> Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/47694>



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Alguns anos separam o Quilombo Vargem Grande do Quilombo da Tapera<sup>11</sup>, localizado no Vale do Cuiabá, onde quatorze famílias de remanescentes de escravizados estabelecem o quilombo. A origem do quilombo se dá de escravos que viveram na antiga Fazenda Santo Antônio desde 1852, que após sua morte, deixa em seu testamento a liberdade de seus escravos e doação de suas terras para uso vitalício aos então, agora homens livres, formando assim a Comunidade Quilombola da Tapera, localizada na estrada entre os municípios de Petrópolis e Teresópolis.

Em 2011, chuvas torrenciais levaram parte da comunidade em um desabamento de encostas. A notícia da tragédia lançou foco sobre a comunidade. Antes da devastação das chuvas, a comunidade era organizada em casas de estuque, hortas, campinho de futebol, córregos e árvores.

Há também resquícios históricos do Quilombo Maria Comprida<sup>12</sup>, localizado em Araras, e o Quilombo Manoel Congo, situado nas imediações do Vale das Videiras. Há também o relato no jornal “Parahyba”<sup>12</sup>, do artista e paisagista, Jean Baptiste Binot, registra a existência de área cultivada, estrutura agrária e formação de uma sociedade organizada e liberta, antes de 1838, em terras onde ainda não eram demarcados os limites territoriais de Petrópolis, onde hoje o palácio de cristal. Obviamente não afirmaram que se tratava de um quilombo, pois atestariam contra o poder do então Império.

A intensão deste capítulo é evidenciar a existência de territórios e práticas negras na cidade de Petrópolis, de modo a visibilizar lugares de memórias e atuações negras, valorizando a identidade, assim como preservar o patrimônio material e imaterial.

## **COMPROMISSO EXISTENCIAL**

---

<sup>11</sup> Do apagamento à fala pública: A memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do Quilombo da Tapera.

<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss388.pdf> <sup>12</sup> Memorial de Maria Comprida: ou seria o “saci pererê da maria comprida” uma prostituta?:

<http://ihp.org.br/?p=4799>

<sup>12</sup> Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades:  
<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/47694>

Almanaque do Museu Imperial: <https://museuimperial.museus.gov.br/images/almanaque-petropolis/museuimperial-almanaque-de-petropolis-vi.pdf>



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

No atual momento da história, esse trabalho tem uma dimensão pessoal, com embasamento científico, atrelada respectivamente a sua realização existencial e uma produção acadêmica. Ambas andam juntas, por um compromisso que atravessa o que sou e o que pretendo ser.

Enquanto um futuro jovem arquiteto e urbanista negro, falar sobre a dinâmica de construção de uma cidade atrelada a memória atravessada pelo racismo, consolida o que sou e o que acredito, tendo o “direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (HOOKS, 1989, p. 42). Assim como também reafirma a necessidade e importância de cotas raciais nas universidades públicas, onde o “[...] conhecimento e poder racial se entrelaçam” (KILOMBA, 2019, p. 49), uma vez que nos coloca em posição de protagonistas de nossas histórias, reverberando um retorno social, possibilitando caminhos para uma justiça social e resgate de nossa ancestralidade, criando “[...] novos papéis fora dessa ordem colonial” (KILOMBA, 2019, p. 69).

Esta pesquisa alcança também uma dimensão de conscientização da condição do negro no Brasil, onde os percursos vivenciados por pessoas negras em comparação com as trajetórias de pessoas brancas ao acesso nos meios políticos, econômicos e sociais, ainda são extremamente desiguais.

Pautar e “trabalhar” vidas negras hoje é uma dívida histórica, um compromisso que deve ser debatido não somente por pessoas negras, mas todos aqueles que acreditam em uma sociedade menos desigual e mais democrática. “E o passo primordial para a solução de tais problemas é o entendimento de que não é um ingrato privilégio delas, mas de todos da sociedade brasileira, logo os problemas raciais não são problemas exclusivos dos negros” (RAMOS, 1995). Debate que hoje, mais do que nunca, se faz urgente, frente a uma política genocida, de extermínio de nossas vidas. É importante entender que o racismo, assim como outros problemas sociais, molda a sociedade tal qual a conhecemos. É através das consequências de um contexto escravocrata e capitalista que se constrói a lógica do que deve ser lembrado ou esquecido, assim como a forma que essa memória ocupa a cidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Onde são destinados a negros africanos e afro-diaspóricos a inferiorização, assim como as menores oportunidades de emprego e renda, as piores condições de moradia e os bairros mais precarizados e periféricos. Processo de exclusão em que:

[...] o negro brasileiro tem de enfrentar uma teia emaranhada de sutilezas domesticadoras que principia no já citado fenômeno da obliteração de sua memória, depois vem a violação miscigenadora, o estupro aculturativo, a imposição sincréticoreligiosa, enfim, todo um elenco de máscaras para ocultar o desprezo das nossas elites que só tratam dia e noite de neutralizar a nossa integridade de ser total. (NASCIMENTO, 1980, p.86)

Confronta-se um sistema que impõe um padrão de normatividade do apagamento da contribuição negra para a cidade. “A cidade é parte da culminância de um projeto de nação de relações racializadas, de demarcação de áreas, de branquura como valor, de um conjunto de atributos que garantiram a fama pretérita da cidade” (AQUINO, 2010). Um sistema composto em sua maioria discrepante por brancos, que ocupam as posições de poder e dominação.

Sistema que em conjunto com o opressor, atrelado ao racismo, incidem diretamente na vida da população negra, uma vez que essa não possui posição de poder e dominação quando falamos em qualquer um desses sistemas de opressão. É urgente pensar como lidar com o campo do patrimônio, da arquitetura e urbanismo, de forma a trazer para o debate o racismo estrutural. Tornando-se indispensável para refletir como produzir cidades mais seguras, mais democráticas e menos desiguais, partindo do princípio de equidade racial.

Assim, refletir sobre essas relações de dominação e memória é essencial para entender as dinâmicas existentes na cidade, entendendo como a arquitetura e urbanismo pode muitas vezes ser uma ferramenta que reforce e mantenha essas estruturas desiguais, alcançando assim, o caráter social da arquitetura e do urbanismo. Isso porque no cerne da problemática está uma sociedade racista que evidencia em todas as esferas suas iniquidades, revelando muito sobre como se dão as dinâmicas, a ocupação e muitas das vezes a restrição e negação da memória e direito à cidade. “Por onde os africanos estiveram, não destruíram o que encontraram; ao contrário, foram sustentáculos persistentes dos bons costumes” (QUERINO, 1955).





**SALVADOR E SUAS CORES [2021]**  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Observando o processo de negação e esvaziamento da contribuição histórica dos negros para a cidade de Petrópolis, podemos considerar esse ato uma forma de epistemicídio, que desconsidera a importância do trabalho de tantos homens e mulheres negras que sempre estiverem presentes na cidade e contribuíram diretamente para sua consolidação.

Assistiu-se, assim, a uma espécie de epistemicídio, ou seja, à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas (SANTOS; MENESES, 2009, p.183)

Lidar com a memória do espaço social e cultural é fundamental para a construção da identidade negra, problematizando a memória apresentada, trazendo à tona potências invisibilizadas, desnaturalizando a desigualdade, através da autoafirmação emancipar seres negros na plenitude de suas existências. Aqui firma-se um processo de resistência e não de resiliência.

### **MUSEU DA MEMÓRIA NEGRA DE PETRÓPOLIS**

O desenvolvimento deste estudo surgiu em meados de 2018 como proposta de projeto da disciplina de Projeto V no curso de Arquitetura e Urbanismo da UERJ, tendo como objetivo contido em ementa a análise e criação de espaços coletivos que atendessem à adequação programática, localização, acessibilidade, diálogo com o entorno, fluxos e racionalização construtiva.

Naquele momento e ainda hoje, ser um homem negro atravessado pelo racismo - queira ele ou não - significa ter sua condição de humanidade arrancada de si. Condição esta que é antes determinada pelo outro - antes mesmo de se reconhecer como tal - pelo simples fato de ser negro. Condição que interdita a construção de uma identidade plena. Neste sentido, atrelado também a uma escolha política e consciente, como diz Neusa



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Santos<sup>13</sup> (1983, p.20) “tornar-se negro”. Nasce então a proposta de refletir sobre o lugar que nos colocam na história, promovendo outras narrativas com o propósito de criar representações positivas para constituição de uma identidade negra.

O trabalho então apresentado como entrega final da disciplina de Projeto V, constituiu-se na elaboração do Museu da Memória Negra de Petrópolis, um projeto de trabalho da memória negra da cidade, com o objetivo de reafirmar identidades negras plenas, promovendo a identificação individual e coletiva, trazendo à tona memórias antes planejadas para serem esquecidas. Tornando o negro protagonista de sua própria história.

Um projeto que vai ao encontro de uma negritude ancestral, de uma história e historicidade que precisa ser contada, condicionado a uma urgência do debate, de modo que o projeto extravasa o que é o espaço da universidade, iniciando uma jornada de compromisso de sua realização existencial.

Nesse intuito, no dia 13 de maio de 2019, através de um convite aberto para a sociedade, fez-se a fundação simbólica do Museu da Memória Negra de Petrópolis. Em sua continuidade, o projeto foi apresentado em jornadas discentes e outros eventos, também sendo convidado e apresentado para o Conselho de Cultura da cidade de Petrópolis. Diferentes questões de ordem pessoal e acadêmica impediram de alavancar a ideia do museu durante um período. Postergado até o Trabalho Final de Graduação, período de retomada e aprofundamento do compromisso de realização existencial do Museu da Memória Negra de Petrópolis

Hoje o Museu da Memória Negra de Petrópolis firma-se como um movimento coletivo dedicado a fundar um acervo público para mulheres e homens negros desta cidade, bem como reivindicar narrativas e contranarrativas, promovendo ações identitárias e representativas para a população afro-brasileira petropolitana.

---

<sup>13</sup> Neusa Santos Souza foi uma psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira. Sua obra é referência sobre os aspectos sociológicos e psicanalíticos da negritude. inaugurando o debate contemporâneo e analítico sobre o racismo no Brasil.



**SALVADOR E SUAS CORES [2021]**  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Um museu que acredita na reinvenção de nós por nós. Que visa reconstruir do presente outras possibilidades de futuro, entendendo que tal condição exige uma nova realidade não só em termos de narrativa, mas também de moradia, saúde, trabalho, espiritualidade e tantos outros componentes sensíveis da personalidade negra. Um museu de compromisso em manter e ampliar a cultura afro-brasileira de resistência e de afirmação de nossas presenças. Um museu que tem como objetivo anunciar a significativa dimensão da memória negra petropolitana.

Pensado estrategicamente através de um projeto a curto, médio e longo prazo, o Museu se dedica, neste momento, a suas realizações a curto prazo, sendo elas as intervenções nas ruas da cidade de Petrópolis, que conectam a sociedade as ações virtuais. Estratégia que tem como finalidade despertar o imaginário da população pela idealização do Museu, assim como, através do afeto gerar demanda por ele. Esta etapa culminará no lançamento do Museu Virtual previsto para o dia 20/11/2021.

A ideia da virtualização do Museu vem como proposta aos desafios impostos pela pandemia da Covid-19, mas também como forma de reinvenção às provocações colocadas aos museus na atualidade. O Museu Virtual da Memória Negra de Petrópolis também parte de uma visão estratégica de aproximação e contato com a população da cidade. A virtualização do projeto vem como um instrumento que pode facilitar a realização existencial do museu, de modo a democratizar o acesso ao seu acervo, assim, descentralizando formas de conhecimento.

Uma das ações virtuais do Museu é a AÇÃO “SOU MEMÓRIA NEGRA DE PETRÓPOLIS”. Ela surge através da citação de Beatriz Nascimento no documentário Orí:

“Nosso corpo é nosso último quilombo”. Colocando o corpo como possibilitador de memória coletiva ancorada à fisicalidade negra, ao organismo como um quilombo que amplia o conceito de lugar. Um quilombo andante, vivo. Uma ação que propõe pensar o corpo, os gestos, os modos e a linguagem como materialidade central para a produção de memória, de identidade e, portanto, de história. Logo, enquanto o último corpo negro



**SALVADOR E SUAS CORES [2021]**  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

tocado por esse projeto existir, esse museu também existirá. **NÓS SOMOS UM QUILOMBO ANDANTE VIVO!**



Figura 3 - Personalidades negras petropolitanas que fazem parte da ação "Sou Memória Negra de Petrópolis". Foto: Acervo do Museu da Memória Negra de Petrópolis. 2021.  
Narrativas disponíveis no Instagram

Uma germinação de diferentes narrativas negras em prol da construção de um acervo de memória, uma ação que reivindica outras referências que não somente as escravizadas, pois não somos e não queremos ser um museu de correntes. Buscamos representações que reflitam toda a potencialidade que somos.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Na primeira etapa da realização do Museu, se buscou trazer um aprofundamento teórico como meio de fundamentar e defender a realização existencial do Museu da Memória Negra no espaço de disputas da cidade. Uma etapa de afirmação da presença negra em todas as temporalidades, evidenciando a existência de um território negro, suas práticas e narrativas

Nesta etapa o Museu renova-se, anunciando um projeto de visão estratégica de realização a curto, médio e longo prazo, firmando um compromisso por sua realização



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

existencial. Ficando mais do que certo que o museu no imaginário da população petropolitana existe, e a passos significativos conquista sua dimensão simbólica, política e representativa das memórias negras da cidade.

A etapa atual desta realização se dedica a aprofundar a proposta de virtualização do Museu de modo a estar atento as realidades impostas para consolidar sua realização existencial. Uma proposta estratégica que se desprende de sua materialidade de origem enquanto objeto arquitetônico para ser efetivado como tal, ele primeiro se consolida no imaginário das pessoas e da cidade.

As reflexões aqui abordadas se encontram na encruzilhada da invisibilização de memórias e histórias negras, apresentando caminhos possíveis de rompimento das narrativas impostas, nos deslocando do lugar de coadjuvante e nos colocando como protagonistas de nossas histórias, provocando identificações individuais e coletivas de modo a reafirmar identidades negras na plenitude de sua existência. Direcionar o olhar para estes projetos não se devem somente ao fato de um refinamento da proposta aqui feita, mas também, por entender que seus acertos, erros e potencialidades se alinham fortemente com o referencial teórico-metodológico. Mobilizando autores que são coerentes com o objeto quanto com o pressuposto colonial.

A proposta de realização estratégica de demanda por reconhecimento e apropriação via sensibilização e afeto é um dos caminhos possíveis, mas não é o único. A medida que esta realização e suas ações se conectam com os diferentes sujeitos e suas subjetividades, fica evidente a relevância do tema que mostra a ausência da narrativa de memória negra em Petrópolis, que vai reverberar na fala de políticas públicas de preservação.

As políticas públicas são essenciais para criar reconhecimento. A demanda virá por afeto, assim como vias políticas públicas que subsidiam a produção dela. Ambas as práticas devem caminhar juntas, assim como o entendimento de tempo-espço. Se tem a política de cotas como exemplo direto desta junção que mudou a configuração da academia, via tensionamento e políticas públicas, alcançando afetos, os encontros, a sinergia. Um



**SALVADOR E SUAS CORES [2021]**  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

Museu de deslocamento epistemológica não só do que foi vivido no passado, mas da maneira como aprendemos a reverberar no presente e projetar futuros. Este é o Museu da Memória Negra de Petrópolis.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABADIA, Lília. A identidade e o patrimônio negro no Brasil. Lília Abadia. 2010  
ALAMANAQUE DE PETRÓPOLIS: Os imigrantes e a formação de Petrópolis. – nº 06(mai.2018). – Petrópolis: Museu Imperial, 2018.

AQUINO, Renata. Afroinscrições em Petrópolis : história, memória e territorialidades / Renata Aquino da Silva. – 2019.

AQUINO, Renata. Cidades Negras, Petrópolis Imperial. / Renata Aquino da Silva. – 2019.  
AKINRULI, S. Ayobami. Antropologia e Museus: os desafios do contemporâneo. Samuel Ayobami Akinruli. 2019

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

DIAS, L Rosa; Passos, M C Pinto; Rodrigues, T Cosentino. Rompendo o epistemicídio: conhecimento em Raça e Cultura e a produção do GT 21 da ANPEd. Lucimar Rosa Dias; Mailsa Carla Pinto Passos; Tatiane Cosentino Rodrigues. 2020

FANON, Frantz. Em Defesa da Revolução Africana. Lisboa. Livraria Sá da Costa, 1969.

JUNIOR, Antonio F C G. Entre o tempo e o espaço: cidade e memória social. Antonio Fernando Cordeiro Guedes Junior. 2011

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Museus Afro-Digitais e Política Patrimonial / Sérgio Figueiredo Ferretti (Org.). São Luís: EDUFMA, 2012

MAGNANI, J. G. Cantor. A antropologia, entre patrimônio e museus. José Guilherme Cantor Magnani. 2019

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo. Rio de Janeiro: Editora Petrópolis, 1980.  
Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre/ Irene Santos (org.) Porto Alegre:Do Autor, 2005

NAVARRO, Luciana. Memória e identidade no espaço urbano: uma leitura poética das escalas de Brasília através da fotografia. Goiânia. Luciana Jobim Navarro - Sem ano



SALVADOR E SUAS CORES [2021]  
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas  
e da Diáspora Negra nas Américas

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, N. 3, V. 2, 1989.

PHILIPPE, Suzan Stanley; Porto, R L Fernandes; Silva, F R Pires da. Considerações sobre o racismo e branqueamento; a lei 10.639/03 como mecanismo de autoafirmação da identidade negra. Suzan Stanley Philippe; Rhuann Lima Fernandes Porto; Flávio Rocha Pires da Silva. 2018

PESAVENTO, S. Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Sandra Jatahy Pesavento. 2005

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. Um roteiro de visibilidade e invisibilidade na cidade. Observatorium:

ROLNIK, Raquel. Territórios negros na cidade brasileira: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo, Revista de Estudos Afro-Asiáticos, 1989.

QUERINO, Manoel. O colono preto como fator de civilização brasileira. Belo Horizonte. Afro-Ásia, número 13, 1980.

SANTOS, Boaventura. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, Ricardo Luiz (2007) – 'Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclídes da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre'. Autêntica:

SOUZA, N. S. Tornar-se negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SILVA, Lucas Ventura da. "Por entre flores e festas": as dinâmicas de abolição e liberdade na Petrópolis de 1888 / Lucas Ventura da Silva – 2020.

SILVA, Stéfany dos Santos. Memória do Invisível: Interpretando territorialidades negras na zona portuária do Rio de Janeiro. Stéfany dos Santos Silva – 2018

SILVA, Dryelle Patrícia; Oliveira, Ana Jacira Borges; Bottentuit Junior, João Batista. Além do Concreto: o museu afrodigital como ferramenta para o ensino da cultura afro-maranhense nas aulas de artes visuais. 2016

TARDIVO, Jessica Aline; PRATSCHKE, Anja. Cidade como lugar de memórias. Jessica Aline Tardivo; Anja Pratschike. 2016

VASCONCELOS, P. de Almeida. A cidade, o urbano, o lugar. Pedro de Almeida Vasconcelos. Sem ano.